
Wilson Cano: professor, colega e amigo *

*José Graziano da Silva ***

Vou fazer um comentário em três partes A **primeira sobre o professor** Cano do Curso de Doutorado do IE/Unicamp que tive oportunidade de cursar em meados dos anos 1980.

A **segunda**, como **colega de trabalho** no tempo que convivi com ele no Instituto de Economia da Unicamp e também na Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, onde ele foi diretor da Coordenadoria de Socio-Economia no início do Governo Montoro (1983/87). Meu pai, José Gomes da Silva, então Secretário de Agricultura convidou o professor Wilson Cano para ajudar remodelar a parte de economia agrária e agrícola da Secretaria de Agricultura.

Na **terceira parte**, eu queria falar **do amigo** que tive o prazer de desfrutar inúmeras vezes da sua companhia, tanto aqui em Campinas- mais precisamente no Guará – onde residíamos, como também em Ubatuba, onde minha família tinha uma casa de veraneio na praia das Toninhas, perto da casa do Wilson Cano, que ficava no Perequê Mirim, um par de quilômetros distante.

Meu **primeiro** contato com o professor Cano foi no curso de doutorado. O Instituto de Economia da Unicamp naquela época ainda era um departamento do Instituto de Ciências Humanas. Nós estávamos juntos com o pessoal da sociologia, da história entre outros profissionais no prédio do IFCH. Não havíamos ainda nos separado mas estávamos começando a mudar para o famoso “Barracão” que abriga os cursos de pós-graduação do Instituto de Economia.

Eu me lembro do professor Wilson Cano dando aula sobre a transição da economia cafeeira escravista no Estado de São Paulo para o nascimento da economia capitalista no país. Com base no livro dele próprio “Raízes da concentração industrial em São Paulo” (Cano, 1977), explicava essa passagem particular de uma forma que me marcou muito: porque o complexo cafeeiro paulista transitou de um dos vários complexos rurais existentes no país para ir gradativamente externalizando atividades do seu interior criando pequenas indústrias artesanais e constituir os novos ramos industriais urbanos que foram se firmando nas cidades. E também a importância destacada pelo professor Wilson Cano a respeito das atividades secundárias e terciárias geradas pela expansão das ferrovias pelo interior do Estado de S. Paulo, assim como do financiamento bancário, que marcaram essa época da transição capitais comerciais para capitais industriais.

Wilson foi um dos professores junto com João Manoel da disciplina que ministravam conjuntamente “Problemas socioeconômicos do Brasil Contemporâneo” que me marcou muito e ajudou a estampar em mim a “marca da economia da Unicamp” que combinava uma visão da evolução histórica da nossa economia com a análises das políticas públicas que a moldavam. Realmente foi uma releitura do Brasil inesquecível! Acho que o Wilson Cano junto com professora Maria da Conceição Tavares, João Manoel Cardoso de Melo, Luiz Gonzaga Beluzzo, Carlos Lessa, Thamas

* Depoimento submetido em 11 de agosto de 2021 e aprovado em 16 de agosto de 2021

** Diretor do Instituto Fome Zero, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: jfgs2011@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3230>

Smereczanyi, entre outros tantos professores da época do Instituto de Economia da Unicamp, marcaram a minha vida acadêmica para sempre. Quero destacar que uma aula do professor Wilson Cano era imperdível pelos assentos e tons dramáticos que empregava nas suas lições, além de ser um polemista de raro talento...

O **segundo** aspecto a destacar sobre minha relação com o Wilson Cano foi de um colega de trabalho no Instituto de Economia na Unicamp. Quando estava terminando o meu programa de doutoramento recebi um convite do Professor Zeferino Vaz através do professor Joao Manuel, que era o diretor do Instituto à época, para permanecer na Unicamp como professor desde que apresentasse a tese de doutorado dentro do prazo. Eu consegui defender a tese em 1980 e fui contratado para dar aula como professor de economia agrícola para os alunos de graduação na faculdade de Engenharia Agrícola.

Nessa época criamos o que o Wilson batizou como o “grupo do matinho”, que era formado por um conjunto de professores e alunos com trabalhos na área agrícola, que se reuniam com uma periodicidade que variava da quinzenal ou mensal, dependendo da ocasião para discutir textos e assuntos de interesse; e terminamos organizando vários seminários, onde trouxemos várias personalidades como por exemplo Inácio Rangel, Alberto Passos Guimarães, Caio Prado Jr entre outros, que eram referências bibliográficas para nós alunos e professores do Instituto de Economia na época. Tivemos sempre essa preocupação como dizia o professor Cano, de “beber no original” e não ler as ideias dos mestres através de terceiros. E essa foi uma coisa que eu cultivei toda a vida: procurar sempre ler os autores no seu original e compreendê-los dentro do contexto da época em que eles escreveram, o que é muito importante para entender as suas preocupações fundamentais.

Também fui colega de trabalho do professor Cano na Secretaria de Agricultura, como já expliquei anteriormente, por um curto período porque meu pai sofreu um ataque cardíaco e teve que deixar o cargo de Secretário de Agricultura em outubro de 1983; e aí todos os as pessoas que tinham ido com ele colocaram seus cargos à disposição. Vale esclarecer que tanto eu, quanto Wilson Cano, fomos colocados à disposição do Governo Estadual pelo Reitor da Unicamp, mas continuamos dando aula no Instituto durante esse período. Essa era outra das qualidades do professor Cano: a dedicação ao trabalho, o compromisso, o que lhe via a fama de um grande “Caxias”! Assim que ficamos indo e voltando e esse trajeto São Paulo-Campinas foi sempre partilhado em um veículo oficial colocado à disposição pela Secretaria. Muitas vezes se juntava a nós o Dr. Guedes Pinto, então chefe da assessoria, que posteriormente também veio a integrar o IE/Unicamp.

O **terceiro** aspecto que eu gostaria de abordar aqui é o do amigo Wilson. Ele foi um verdadeiro irmão mais velho que me ajudou muito a superar as dificuldades que fui encontrando tanto na Unicamp, como na vida em geral. Apesar de muitos o considerarem “bravo, agressivo”, a personalidade do “Espanhol” era muito acolhedora: não deixava sem ajuda ou um conselho quem o procurava. Ele conseguia deixar a gente muito à vontade sem nenhuma formalidade necessária nas situações mais difíceis. Mas era também implacável com os desafetos aos quais nominava invariavelmente de “os canalhas”!

Como amigos, frequentamos durante anos seguidos um bar aqui em Barão Geraldo que chamávamos de “bar da coxinha”. No final das quartas-feiras, costumávamos “bater o ponto” no bar para tomar uma cerveja para comer alguma coisa. E ficávamos conversando sobre os mais variados

assuntos do mundo e em particular da política do momento. E havia muito “pano para manga” porque eu estava metido na formação do Partido dos Trabalhadores (PT) e o Wilson era um ferrenho defensor da continuidade necessária do Movimento Democrático Brasileiro, o velho MDB, não tendo se aventurado no também nascente PSDB como o fizeram vários outros colegas da universidade à época. Segundo a opinião do Cano, era preciso manter a trincheira até que se consolidasse o frágil ambiente democrático que parecia se iniciar... Essas longas “tertúlias étlicas” nos permitiram aprofundar muito as convergências e divergências ideológicas durante o período.

Um outro local da nossa convivência foram as praias do litoral norte, cerca de Ubatuba onde acabamos coincidindo de ter casas de veraneio próximas. Minha família tinha uma casa na praia das Toninhas de frente para o mar, um terreno que foi comprado pelo meu pai nos idos de 1964 quando da abertura da estrada Rio-Santos. A família Cano tinha uma “casa no morro” como ele a autodefinia, nas encostas da praia do Perequê Mirim que é vizinha a Praia das Toninhas. Então, obviamente muitas vezes o Wilson passava por lá e ajudava a organizar um churrasco, em especial durante fins-de-semana prolongados e épocas de temporada... E ali também tivemos oportunidade de um convivência não apenas com o Wilson, mas também familiar com a Selma(esposa) e os meninos dele o Newton, Marcelo e o Duda. Tudo o que posso dizer é que minha lembrança dessa época foi muito agradável!

Eu depois me mudei para São Paulo e posteriormente para Brasília no início de 2003 para participar do primeiro governo Lula; e de lá saí do governo em março de 2006 para ir para o Chile dirigir o escritório regional da FAO para América Latina e Caribe. E em 2011, me candidatei a diretor-geral da FAO e acabei ganhando a eleição e me mudei para Roma onde fiquei desde o início de 2012 a 2019 retornando de lá para o Chile. Infelizmente durante todo esse período quase não tive contato com o Wilson Cano, exceto nas vezes que retornava ao Guara.

A última vez que eu o vi foi quando voltei ao Brasil no começo da pandemia em março de 2020. Eu tinha ido fazer alguns exames médicos no laboratório que fica ali no Tilli Center em Barão Geraldo e encontrei o Cano e a Selma também esperando a vez de fazerem seus exames... Conversamos rapidamente até porque a sala estava cheia de gente, mas percebi o Cano muito abatido e preocupado com a doença da Selma que estava tratando um câncer e se via bastante afetada pela quimioterapia que estava fazendo: tinha perdido os cabelos, muito magra... E o Wilson aparentava estar bem, exceto pelo problema no joelho que sempre o perseguiu desde os tempos de futebol de várzea do campinho do Guará, que o obrigava a se apoiar numa bengala para poder andar. Ficamos de voltar nos falar... Depois soube por amigos comuns que ele também estava com câncer... E acabei não fazendo a visita por causa das restrições impostas pela pandemia e, tempos depois, fui surpreendido com a notícia da sua morte.

O que posso dizer é que guardo uma excelente memória da convivência com o professor, o amigo e o companheiro Wilson Cano durante a minha trajetória pela Unicamp. Posso dizer que ele está entre as melhores pessoas que conheci.

Referência bibliográfica

CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1977.